

Après-Coup Psychoanalytic Association

***A Posição de Analista: A Vanguarda em Ato***

Destacamos na ética do analista uma mobilidade (*restlessness*) expressa na metáfora do "litoral"; um pedaço de terra que age como uma borda que está tanto dentro quanto fora e indica diferentes domínios topologicamente enodados. No seu uso comum, o litoral refere-se àquela área da costa ou da linha costeira, àquela zona de transição "entre a terra e o mar" que, por sua vez, é reclamada através de movimentos mais ou menos regulares e previsíveis das marés. Mas, também se refere àquela fronteira precária que pode ser alterada, quando uma tempestade que avança gera uma dramática retração do oceano, expondo grandes extensões de terra, sem que se aviste o mar.

A posição do analista implica um movimento constante no encontro com o desconhecido e o não familiar, de acordo com as formações do inconsciente e o deslizamento do significado sob o significante.

Lacan sublinha que o psicanalista precisa de ser "pelo menos dois": o analista no ato analítico, que produz alguns "efeitos" no tratamento e o analista que "teoriza estes efeitos", apontando o nó entre a análise em intenção e a análise em extensão - dois aspectos da mesma banda de Moebius, onde a psicanálise em intenção está numa posição litoral em relação à sua posição em extensão e vice-versa. Este ponto limítrofe é o fundamento de uma ética que leva em conta a separação entre saber e verdade e desenvolve uma escuta atenta ao tempo lógico do ato, na singularidade de cada caso clínico, no aqui e agora, único a cada situação transferencial. Tal ética desconstrói assim reivindicações por um saber totalizante à maneira de uma religião ou da ciência moderna. Ultrapassando o binarismo de interior versus exterior, dentro ou fora, a figura topológica do oito interior subverte a esfera como símbolo da totalidade, a figura de uma unidade fechada que opera no primeiro plano de cada discurso social-simbólico dominante.

O analista opera no lugar do saber/não saber que sustenta a inventividade do objeto pequeno *a*, esse vazio na estrutura a indicar aquilo que já foi desde sempre perdido: a falta real de um objeto situado tanto dentro como fora do campo perceptivo que articula cada e qualquer constelação simbólica/imaginária e alimenta o movimento perpétuo do desejo.

Esta posição implica uma abertura intrínseca para o presente e em sintonia com este, tanto do ato como das transformações sociais/históricas que estão ocorrendo no âmbito simbólico, onde a transferência acontece – algo tão proeminente nestes dias com o questionamento e desconstrução da epistemologia patriarcal. Ao abordar o sofrimento do sujeito no aqui e agora do ato clínico, o analista leva intrinsecamente em conta os efeitos da ordem simbólica e suas transformações, sempre aberto à atualidade e seu futuro. Entendemos *atualidade* como as circunstâncias sócio-históricas particulares que afetam o sujeito e a distinguimos da *realidade* como um dado empírico imediatamente acessível, cujo conhecimento é supostamente assegurado através dos protocolos generalizados de práticas baseadas na evidência.

O analista opera numa posição de vanguarda, tanto rigorosa como em evolução, tal como a de uma bailarina "dançando num dedo do pé", para usar a metáfora de Freud empregada no segundo prefácio de *O Homem Moisés e a Religião Monoteísta*. Não é por acaso que ele descreve desta maneira o seu próprio processo de escrita na época em que foi permanentemente exilado de Viena. E prossegue dizendo que antes de seguir adiante com a publicação do ensaio final do seu livro, ele tinha "apreensões internas, bem como constrangimentos externos", dadas as condições políticas tão dramaticamente mudadas, mas que as "convicções das suas conclusões" exigiam tal publicação. Seria possível evocar um exemplo mais claro da posição litoral do analista em intenção e extensão, e da ética do ato analítico? O analista "nos dedos dos pés" é oposto à

"nostalgia" dos pés planos que alguns praticantes exprimem perante as transformações sociais do nosso tempo.

Na particularidade do ato, o espaço transferencial vai desenhando progressivamente uma espécie de lagoa, um litoral criado pela separação do mar aberto. Como resultado do desenrolar da cura, esse espaço serve como um abrigo de proteção contra surtos de tempestade e fornece uma faixa de passagem segura entre terra e mar. Como Aristóteles indicou em suas observações sobre a lagoa da ilha de Lesbos, no Mar Egeu, estes litorais são locais *trans-formacionais*, que permitem uma mudança de uma condição para outra, uma travessia para além de onde a vida pode emergir, pode proliferar, pode expandir-se.

A articulação de uma cura implica uma *transformação* subjetiva: o desmantelamento das ilusões identificatórias, o reconhecimento progressivo da dívida simbólica do sujeito, o abandono da ideia de um objeto que poderia permitir a completude ou corrigir nossa falha original, o encontro repetido com *Das Ding*, com o incognoscível no outro e em si mesmo, conduzindo a um colapso progressivo do sujeito suposto saber. É uma trajetória na direção de uma nova economia psíquica e de uma nova posição subjetiva informada pelo desejo.

O espaço de *transferência* possibilita uma *trans-formação* subjetiva, onde a ética do analista habita uma posição "em trânsito". O termo "trans" precisa ser salientado, já que tem uma relevância na particularidade da trajetória analítica, tanto do lado do analista, como do analisante, em relação ao sujeito dividido e ao "não-todo".

A natureza do significante é relacional e opositiva, impedindo qualquer forma de essencialismo. Seus efeitos introduzem a diferença e a alteridade, causando a divisão do sujeito, irreduzível a uma lógica binária, já que tais efeitos convocam o Outro e deixam um resto no objeto *a*. O objeto *a*, objeto causa de desejo e suporte do gozo do sujeito, é heterogêneo ao simbólico. Na relação entre Um e o Outro, entre o sujeito e seu gozo, entre

um sujeito e outro, há um hiato, uma falta de comensurabilidade que fundamenta o princípio da não-relação sexual. Portanto, a relação do sujeito com o gozo não é passível de ser plenamente inscrita no simbólico, ela não tem uma "identidade designável". "Cada vez que falamos de algo chamado sujeito, o tornamos em um Um". Mas o que temos de reconhecer é precisamente isto: "falta o Um com o qual o designar (*il manque l'un pour le désigner*)"<sup>1</sup>.

Para além da luta política e social que a justifica, sempre específica e transitória, conforme os direitos civis em jogo nela, a referência à "identidade" é omnipresente no nosso tempo. A atual sociedade do espetáculo gera tanto um relativismo (em relação à verdade de cada um), como um niilismo (uma rejeição cínica ou pessimista). Na nossa prática clínica, vemos muitos jovens confusos pela multiplicidade das interpelações e ofertas nos meios de comunicação, pelas suas contradições e dissipação, que muitas vezes geram uma reação de enclausuramento e isolamento.

Podemos levantar a seguinte questão: até que ponto a necessidade de construir, de declarar e fazer performance de uma identidade é uma resposta sintomática a esta condição, uma ostentação narcísica em consonância com o espetáculo geral, exibição essa que compensa a ausência de valores e visões comuns, de objetivos comuns que possam gerar esperança e um engajamento de modo deliberado no laço social. O imperativo do liberalismo individual - sucesso, dinheiro e visibilidade - alimenta principalmente declarações de identidade que reforçam a competição e o isolamento.

A tendência à "mostração", a performance, alimentada pela sociedade do espetáculo e os seus consumismos endêmicos trazem à tona a dialética entre a posição do espectador e a da testemunha. Os cidadãos, confrontados com a brutalidade de certos eventos sociais, encontram-se oscilando entre estas posições, levantando a questão do seu papel no laço social. O caso do assassinato de um cidadão negro de vinte

---

<sup>1</sup> J. Lacan, *Le Séminaire livre XIII, L'objet de la psychanalyse*, lição de 15 de dezembro de 1965.

e nove anos por cinco polícias no início de janeiro de 2023 - o último de uma série interminável de crimes racistas perpetrados pela força policial nos EUA - ilustra bem a perversão intrínseca na relação entre “mostração,” proteção e vigilância. As pessoas aguardaram ansiosamente pela divulgação do vídeo feito pelas câmeras usadas nos uniformes dos policiais envolvidos nas ações, tão somente para serem confrontadas com uma *performance* assassina. As vozes dos policiais recitam uma série de ordens estereotipadas, obviamente dirigidas ao público que julgará as suas ações filmadas, *atuando para* esse público, enquanto suas ações violentas contradizem seu raciocínio. O assassinato atroz de um cidadão desamparado e complacente - que, se tanto, apenas pediu ajuda – envolve, ao mesmo tempo, a *espetacularização da performance* oferecida à vigilância e a *negação radical dos fatos*, tão omnipresentes na sociedade de hoje. É desnecessário dizer que o relatório policial, escrito horas depois do ataque violento dos agentes policiais, estava em flagrante desacordo com o que os vídeos têm revelado desde então.

A articulação entre exibição/performance, verdade e negação dos fatos precisa ser cuidadosamente avaliada à luz do constante e urgente apelo à *liberdade* proposto pelo "livre mercado". A liberdade é exaltada e vai de ponta a ponta de mãos dadas com o apelo a uma "identidade". O mito da liberdade individual, em detrimento do coletivo, informa as explorações consumistas de acordo com os poderes de lobby, ao mesmo tempo em que perpetua novas formas de segregação.

Escutamos o sofrimento destas novas formas de segregação na nossa prática. Como Lacan salientou, a escuta do analista opera segundo uma lógica articulada numa cadeia de letras tão rigorosa que, na condição de não faltar nenhuma delas, o não-sabido ordena-se como saber. Se isto define a ética do desejo do analista, a sua posição requer tanto um despertar para o dizer como para o universo simbólico, imaginário e real em que

tal dizer opera. Ao devolver ao sujeito a responsabilidade de sua ação, a trajetória analítica permite um relançamento do engajamento do sujeito com o coletivo.

\*\*\*

O grupo de trabalho que colaborou para esta apresentação inclui:

*Lillian Ferrari, Anna Fishzon, Peter Gillespie, Matt Johnson, Paola Mieli, Kerry Moore, Christie Offenbacher, Olga Poznansky, Mark Stafford, Monroe Street Schostal, Angelo Villa.*

---